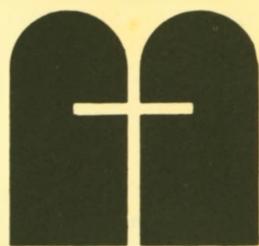
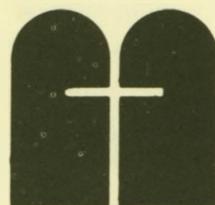


o ministério adventista



Set/Out 78





Set/Out 78
Ano 44
Número 5

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

O Espírito 3

O PASTOR

Necessita-se de Uma Teologia de Ordenação 6

Uma Teologia de Ordenação 10

A) A Natureza da Igreja 11

ARTIGOS GERAIS

Fumo e Saúde 17

Música Durante a Oração? 22

Orações Musicais 23

O LAR DO PASTOR

Doze Chaves Para Boa Disciplina no Lar 23

4715

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa
Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Rubén Pereyra

Colaboradores:
Enoch de Oliveira
José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pável Moura

Direção de Arte:
Erló G. Köhler
Wilson F. de Almeida

Diagramação:
Eli Silveira Campos

Assinatura anual:
Cr\$ 96,00
US\$ 1,00

Editado bimestralmente
pela **Casa Publicadora
Brasileira**, Av. Pereira
Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo.

Esta revista acha-se
registrada na DCDP do
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
O Ministério Adventista,
Caixa Postal 07-1042 —
70000 - Brasília — DF.

O Espírito

"Embaraçado com a humanidade, Cristo não poderia estar em toda parte em pessoa". Era do interesse dos discípulos e da Igreja "que Ele fosse para o Pai, e enviasse o Espírito como Seu sucessor na Terra". A partir daí nenhum ser humano contaria como "vantagem o ter tido contato pessoal com Cristo". Pelo Espírito, Cristo "seria acessível a todos" em todos os lugares. Estaria assim "mais perto deles do que se não subisse ao alto". "Despojado da personalidade humana, e dela independente", o Espírito Santo seria o representante de Cristo.¹

Para o estudioso menos atento pode ficar a idéia de que o Espírito Santo teve antes do Pentecostes uma atividade muito passiva. Engano! Desde os séculos da eternidade o Espírito esteve em ação. Ele é igual a Deus. São-Lhe atribuídos os predicados de Deus, tais como: *Santidade, Verdade e Vida*, como também a onipresença, e este fato é atestado por Davi ao dizer: "Para onde me ausentarei do Teu Espírito?" Ele é membro da Divindade, é um com Deus, e Deus também.

Em 1899, falando perante alunos em Avondale, lembrou-lhes Ellen G. White o seguinte: "Precisamos reconhecer que o Espírito Santo, que é tanto uma pessoa como o próprio Deus, está andando por esses terrenos".²

Partindo da premissa de que Ele é Deus, devemos ter em mente que "a natureza do Espírito Santo é um mistério. Os homens não a podem explicar, porque o Senhor não lho revelou. . . . Com relação a tais mistérios — demasiado profundos para o entendimento humano — o silêncio é ouro".³ "Não é essencial que sejamos capazes de definir exatamente o que seja o Espírito Santo".⁴ O importante é compreender a obra do Espírito Santo em nosso favor, e a absoluta necessidade de consentirmos que Ele trabalhe para nós e por nós. Sempre esteve em ação na criação; acompanhou Noé em sua pregação. Foi o Espírito que susteve os patriarcas. Setenta homens receberam do Espírito que estava em Moisés. De Josué é dito ser "homem em quem há o Espírito". Davi orou para que o Es-

José C. Bessa,
Associação
Ministerial da DSA.

pírito não lhe fosse tirado. "Tirarei o coração de pedra e porei dentro de vós um Espírito novo", foi a alentadora promessa dada a Israel.

"Dá-me porção dobrada do Espírito", suplicava Eliseu. Foi por meio do Espírito Santo que os valdenses prepararam o caminho da Reforma.⁵ O mesmo Espírito orientou o estabelecimento das missões modernas, bem como a tradução da Bíblia para línguas e dialetos.⁶ Do Gênesis ao Apocalipse é vista a atuação poderosa do Espírito de Deus.

As Bênçãos do Espírito

O Espírito nos é dado como agente de regeneração, "sem o qual o sacrifício de Cristo de nenhum proveito teria sido".⁷ Ele atrai "a atenção dos homens para a grande oferta do Calvário".⁸ "É o Espírito que torna eficaz o que foi realizado pelo Redentor do mundo".⁹ Opera "a convicção do pecado", apresentando em seguida "a norma de justiça".¹⁰ É o Espírito que "afasta as ateições das coisas da Terra, e enche a alma com o desejo de santidade".¹¹ Mais ainda: "O Espírito toma as coisas de Deus e as grava na alma".¹²

Que maravilha! O Espírito tomando, recebendo, trazendo da santidade de Deus e gravando tudo isto em mim, em você. Pelo Espírito podemos "vencer toda tendência hereditária e cultivada para o mal".¹³ O Espírito torna claro o caminho a ser percorrido, e o faz com clareza tal que ninguém poderá errá-lo. Nos dias apostólicos, "o Espírito fez por eles o que não teriam podido fazer em toda uma existência". Humildes pescadores, homens indoutos ficaram possuídos de linguagem pura, quer no idioma materno ou estrangeiro. Pregavam com clareza e poder. Encontravam-se acima de todo temor. Não podiam ser reprimidos ou intimidados. O Pentecostes trouxe-lhes iluminação celestial. Ao alcance deles estavam os "ilimitados recursos da graça divina".¹⁴ As boas-novas foram levadas "até às mais longínquas partes do mundo habitado". Conversos vinham de todas as direções. "Os mais ferrenhos

**De Coração
a Coração**

inimigos do evangelho tornaram-se seus campeões".¹⁵ "Deus pode ensinar-vos mais em um momento pelo Seu Santo Espírito, do que poderíeis aprender com os grandes homens da Terra".¹⁶

Na Igreja Primitiva

"Enquanto Cristo estava na Terra, os discípulos não tinham desejado nenhum outro auxiliador. Não seria senão depois que fossem privados de Sua presença, que experimentaríamos a necessidade do Espírito, e então Ele havia de vir".¹⁷ "Ficai em Jerusalém até que do alto sejais revestidos de poder".¹⁸ "Mas receberéis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós".¹⁹ O Espírito era, pois, "o mais alto dos dons que... [Cristo] podia solicitar do Pai para exaltação de Seu povo".²⁰

"Ficai em Jerusalém"

Eles ficaram; porém, não em atitude passiva ou em ociosidade. Decidiram criar o ambiente para que a promessa tivesse pleno cumprimento. "Humilharam o coração em verdadeiro arrependimento e confessaram sua incredulidade".²¹ "Pondo de parte todas as divergências, todo o desejo de supremacia, uniram-se em íntima comunhão cristã".²² Foram dez dias "de profundo exame de coração". "Sentiram sua necessidade espiritual, e suplicaram do Senhor a santa unção que os devia capacitar para o trabalho de salvar almas".²³ Na busca pelo Espírito, "havia deixado de ser um grupo de unidades independentes, ou elementos discordantes em conflito".²⁴ Não havia mais "indelicado criticismo, nem o desejo de fragmentar a obra de outros".²⁵

Os discípulos tornaram-se dóceis e humildes. "Desapareceram as raízes de amargura que estavam expulsando da alma a preciosa planta do amor". "Cada um estava disposto a conceder ao outro o mais alto lugar".²⁶ A frieza e o falar mal foram postos de lado. Maravilhosos foram os frutos do Espírito. Penetrou-lhes na alma "a subjugante graça de Cristo", e seus corações ficaram ligados "numa bendita unidade". Despertou-se neles "o desejo de uma vida espiritual mais elevada", e as "câmaras da mente e o templo da alma" foram cheios da "luz da justiça de Cristo". Para que a pregação do evangelho exerça grande impacto sobre a humanidade, deve ocorrer sob duas circunstâncias: Pelo alistamento de homens extraordinários ou pelo derramamento do Espírito Santo sobre homens ordinários.

Que aconteceu? A igreja primitiva encheu-se de homens ordinários dotados com extraordinário poder, e os resultados foram inesperados. Homens

"Não é essencial que sejamos capazes de definir exatamente o que seja o Espírito Santo". O importante é compreender a obra do Espírito Santo em nosso favor, e a absoluta necessidade de consentirmos que Ele trabalhe para nós e por nós.

que souberam humilhar-se sob a potente mão do Senhor, homens que aprenderam em realidade o princípio da renúncia tornaram-se recipientes do Poder divino.

O Espírito Hoje

Temos estado tanto tempo sem o poder do Espírito Santo que quase nos sentimos contentes sem Ele. Habitua-mo-nos tanto à derrota que nos resignamos a viver com ela. Estranho encantamento, estranho torpor! Necessitamos de nos arrepender de nossa indiferença para com o Espírito Santo. "A promessa do Espírito Santo é ocasionalmente apresentada em nossas palestras, incidentalmente nela se toca e isso é tudo".²⁸ A contrafação pentecostal nos inibiu. Temos medo de ser fervorosos; temos temor de orar com fervor, um glorificador "AMÉM" é o grande ausente em nossos cultos.

Nada, a não ser a Chuva do Espírito, poderá tirar a igreja do torpor satânico, do encantamento e da mornidão laodiceana em que tem vivido. Poderemos aumentar a beleza de seu ritual, melhorar a qualidade e a quantidade de sua educação religiosa, elevar ao mais alto grau as qualificações de seu ministério, aumentar em muito suas instituições e seus recursos financeiros (e como nos ufanamos ao serem apresentados os relatórios sobre finanças!). Tudo isto sem a presença da Chuva do Espírito é estar apenas ornamentando um cadáver.

Esquivamo-nos do Espírito. Parece temeremos venha Ele a interferir em nossos planos humanos. O ensino do assunto de tal magnitude é vago, incerto e esporádico na vida dos fiéis. A doutrina do Espírito Santo é o país desconhecido, o continente negro da vida cristã. Houve um tempo em que a Igreja celebrava o dia de Pentecostes, o aniversário da descida do Espírito Santo, com mais fervor do que celebra o Natal. Hoje achamos mais fácil celebrar o nascimento de Jesus do que nascermos do Espírito. Achamos mais fácil comemorar Seu nascimento do que irmos ao mundo anunciar Sua volta. Tornou-se mais fácil darmos presentes no Natal do que darmos a nós mesmos ao Espírito. O Natal é a comemoração de Deus conosco; o Pentecostes comemora Deus em nós. "O grande pecado dos que professam ser cristãos é não abrirem o coração para receber o Espírito Santo". "Os que se acham vazios do Espírito Santo não podem ser atalaias fiéis sobre os muros de Sião".²⁹

O Espírito no Ministério

“A todos os que aceitam a Cristo como um Salvador pessoal, o Espírito Santo vem como consolador, santificador, guia e testemunha”.³⁰ “A ausência do Espírito é que torna tão destituído de poder o ministério evangélico”.³¹ O êxito das reuniões depende da presença e do poder do Espírito. Sem o Espírito será em vão o trabalho de apresentar a verdade. “A pregação da Palavra não será de nenhum proveito sem a contínua presença e ajuda do Espírito Santo. Este é o único Mestre eficaz da verdade divina. Unicamente quando a verdade chega ao coração acompanhada pelo Espírito, vivificará a consciência e transformará a vida”.³² “Esta prometida bênção, reclamada pela fé, traz após si todas as outras bênçãos”.³³ “Regados com pancadas da Chuva Serôdia, . . . ninguém cuidará em ver se as sentenças são bem formadas, ou se a gramática é impecável”.³⁴ “Os obreiros serão antes qualificados pela unção de Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino”.³⁵ “Sem a cooperação do Espírito de Deus, nenhum grau de educação, nenhuma vantagem, por maior que seja, pode tornar uma pessoa um canal de luz”.³⁶

Por quarenta anos Moisés estivera aprendendo da cultura, da arte guerreira, da filosofia mais avançada, tornando-se general, escritor, poeta e legislador. Com tudo isso, Moisés julgava-se preparado para libertar o povo de Israel da escravidão. Armou-se de uma faca e matou o primeiro egípcio a quem viu maltratar um de seu próprio povo. Com força e violência Moisés procurava impressionar os israelitas, levando-os a crer que chegara a hora da libertação e que ele, Moisés, era o libertador. Foi um tremendo choque para ele quando soube que não estava preparado para a tarefa. O Senhor Deus admitiu-o na Universidade do Deserto. Por quarenta anos deveria realizar estudos avançados — um doutorado em renúncia e abnegação.

Aprenderia que Deus é o supremo Criador e lhe seria Professor, ensinando-o a pensar e agir corretamente. Antes que Deus pudesse confiar-lhe o cuidado de Seu povo, Moisés deveria fazer um doutorado em cuidar de ovelhas. Por quarenta anos esse erudito na sabedoria humana viu montanhas em vez de instituições dos homens.

Chegou o dia da formatura. Moisés queria comparecer dignamente à cerimônia de seu novo doutorado, e para tal fizera um novo par de sandálias do

“Enquanto Cristo estava na Terra, os discípulos não tinham desejado nenhum outro auxiliador. Não seria senão depois que fossem privados de Sua presença, que experimentariam a necessidade do Espírito, e então Ele havia de vir”. “Ficai em Jerusalém até que do alto sejais revestidos de poder”.

melhor couro de carneiro. Na plataforma havia um único arranjo: uma sarça que ardia. Ao aproximar-se Moisés da plataforma, falou-lhe o Supremo Rei do Universo: “Tira as sandálias dos pés”. Em seguida foi-lhe entregue o pergaminho, o diploma: UMA VARA. Uma simples vara após quarenta anos na Universidade do Deserto.

“O mais humilde obreiro, movido pelo Espírito Santo, poderá tocar cordas invisíveis, cujas vibrações hão de soar até aos confins da Terra e produzir melodias através dos séculos eternos”.³⁷ “A promessa é, hoje, exatamente tão categórica e digna de confiança, como nos dias dos apóstolos”.³⁸ “Não é limitada a algum século ou raça”.³⁹

No Nordeste brasileiro foi construída a hidroelétrica de Paulo Afonso. Um viajante viu bem iluminadas as cidades, mas notou ao longe uma com luz fraca, inexpressiva. Chegando ali, perguntou: “Por que vocês continuam com iluminação tão fraca, quando há tanta energia?” Alguém respondeu: “Nossa rede elétrica é velha; não temos condições de receber algo melhor”. Este incidente pode retratar a situação de muitos no ministério. Há poder em abundância, porém não estamos em condições para receber mais poder e iluminar mais.

Viajando pela África, um grupo de turistas adventistas estava sumamente grato pela gentileza e cortesia de um casal de irmãos nossos. Concordaram em obsequiá-los com algo que eles não possuíam e que lhes poderia trazer algum conforto. Perguntaram: “Que gostariam de receber da América como presente nosso?” O casal retirou-se, foi ao quarto e, ao voltar, disse: “Enviem-nos poder do Espírito Santo”. Um tanto desapontados, nossos irmãos turistas procuraram sugerir algum aparelho eletrodoméstico. O casal retirou-se, vai ao quarto, e volta. “Não — replicaram eles. — Enviem-nos poder do Espírito”. Nova decepção. Alguém do grupo sugere uma remessa de mil dólares, ao que respondeu nosso irmão africano: “Se não podem enviar-nos poder do Espírito Santo, não precisam enviar mais nada, pois o que necessitamos é de mais poder do Santo Espírito”.

O Poder do Espírito

“O poder, se não é absoluto, não serve para nada”. “Não há impulso de nossa natureza, nem faculdade do espírito ou inclinação do coração, que não necessite achar-se a todo instante sob a

direção do Espírito de Deus".⁴⁰ Ele deve ocupar todos os espaços de minha vida. Nada deve ficar sem o Seu controle. "Não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim". O poder do Espírito Santo tem de ser absoluto, deve dominar tudo, do contrário será sem valor.

"É certo que no tempo do fim, quando a causa de Deus na Terra estiver prestes a terminar, os sinceros esforços envidados por consagrados crentes sob a guia do Espírito Santo, serão acompanhados por especiais manifestações de favor divino".⁴¹ "Ao avizinhar-se o fim da ceifa da Terra, uma especial concessão de graça espiritual é prometida a fim de preparar a igreja para a vinda do Filho do homem. . . ; e é por este poder adicional que os cristãos devem fazer as suas petições ao Senhor da seara 'no tempo da chuva serôdia'".⁴² "Cada obreiro devia fazer sua petição a Deus pelo batismo diário do Espírito. Grupos de obreiros cristãos se devem reunir para suplicar auxílio especial, sabedoria celestial, para que saibam como planejar e executar sabiamente".⁴³ Nossa maior falta como ministros é não termos tempo para orar. Há sempre uma centena de coisas a resolver, e a comunhão com Deus é retardada. Há uma inversão de valores. "O diabo me deixará fazer qualquer coisa que não seja orar". Muitos homens são como as ondas do mar que não se aquietam. Não sabem parar, não aprenderam a aquietar-se para saber "que o Senhor é Deus".

Buscar a unção do Espírito antes que todo pecado haja sido confessado e descontinuado em nossa vida, é um

"Deus pode ensinar-vos mais em um momento pelo Seu Santo Espírito, do que poderíeis aprender com os grandes homens da Terra".

insulto ao mesmo Espírito. Através da confissão, do arrependimento e do abandono dos pecados, busquemos criar o ambiente para que o Espírito venha, e venha em abundância.

Bibliografia

1. *O Desejado de Todas as Nações*, (DN), edição popular, p. 644.
2. *Evangelismo*, p. 616.
3. *Atos dos Apóstolos*, (AA), p. 52.
4. AA, p. 51.
5. AA, p. 53.
6. *Ibidem*.
7. DN, p. 646.
8. AA, p. 52.
9. DN, p. 646.
10. AA, p. 52.
11. AA, pp. 52 e 53.
12. AA, p. 53.
13. DN, p. 646.
14. AA, p. 47.
15. AA, p. 48.
16. *Testemunhos para Ministros*, p. 119.
17. DN, p. 644.
18. S. Lucas 24:49.
19. Atos 1:8.
20. DN, p. 646.
21. AA, p. 36.
22. AA, p. 37.
23. *Ibidem*.
24. AA, p. 45.
25. AA, p. 275.
26. DN, p. 624.
27. DN, p. 627.
28. *Testemunhos para Ministros*, p. 174.
29. *Mensagens Escolhidas*, livro 2, p. 57.
30. AA, p. 49.
31. *Test. Seletos*, vol. 3, p. 212.
32. DN, p. 647.
33. DN, p. 648.
34. *General Conference Bulletin*, 1895, p. 183.
35. *O Conflito dos Séculos*, p. 657.
36. *Obreiros Evangélicos*, p. 284.
37. DN, p. 786.
38. DN, p. 787.
39. AA, p. 49.
40. *Mensagens aos Jovens*, p. 62.
41. AA, p. 54.
42. AA, p. 55.
43. AA, p. 50.

Necessita-se de uma Teologia de Ordenação

O processo divinamente inspirado para tomar decisões sobre a escolha dos candidatos à ordenação está sendo seguido na íntegra em nossa igreja?

O Pastor

O objetivo deste artigo não é escrever uma esmerada teologia de ordenação sob a perspectiva adventista do sétimo dia. É bem mais modesto. Só procurarei dar alguns passos nessa direção. Minhas fontes são a Bíblia e os escritos de Ellen G. White. Na primeira temos a única regra de fé e prática. Na última, a regra bíblica é amplificada, realçando pormenores importantes e aplicando-os com frequência à situação contemporânea.

Lemos em S. Marcos 3:13-15: "Depois subiu ao monte e chamou os que Ele mesmo quis, e vieram para junto dEle. Então designou doze para esta-

rem com Ele e para os enviar a pregar, e a exercer a autoridade de expelir demônios". Com base apenas neste texto, dificilmente poderíamos afirmar que se acha diante de nós o relato da ordenação dos doze discípulos ao ministério evangélico por Jesus. Nada é declarado a respeito da imposição das mãos ou da oração, ambas as quais passaram a ocupar uma posição central no sagrado rito da ordenação (ver Atos 6:6; 13:3; I Tim. 4:14; 5:22).

Ellen G. White escreveu, porém, sob inspiração divina: "Quando Cristo concluiu as instruções aos discípulos, reuniu em torno de Si o pequeno grupo, bem achegados a Ele e, ajoelhando no meio deles e pondo-lhes as mãos sobre a cabeça, fez uma oração consagrando-os à Sua sagrada obra. Assim foram os discípulos do Senhor ordenados para o ministério evangélico". — *O Desejado de Todas as Nações*, edição popular, p. 279.

Mais tarde ela escreveu: "Foi na ordenação dos doze que foram dados os primeiros passos na organização da igreja, que depois da partida de Cristo devia levar avante Sua obra na Terra". — *Atos dos Apóstolos*, p. 18. A ordenação na igreja cristã originou-se, portanto, com o próprio Cristo e constituiu o primeiro passo em sua organização.

Ellen G. White refere-se a Atos 13:1-3 como sendo o relato da ordenação formal de Paulo e Barnabé ao ministério evangélico. Ela declara: "Abundantemente havia Deus abençoado os labores de Paulo e Barnabé durante o ano que ficaram com os crentes em Antioquia [Atos 11:22-30]. Mas nenhum deles havia sido formalmente ordenado para o ministério evangélico. Haviam chegado agora em sua experiência cristã a um ponto em que Deus estava para confiar-lhes a execução de difícil tarefa missionária, na prossecução da qual necessitavam de toda a vantagem que pudesse ser obtida através da igreja". — *Idem*, p. 160.

Atos 13:1 indica que a instrução do Espírito Santo para que a igreja de Antioquia ordenasse a Paulo e Barnabé provavelmente foi transmitida por intermédio de um dos profetas daquela congregação (ver *Atos dos Apóstolos*, p. 161; *História da Redenção*, p. 303). O verso 2 insinua que a mensagem chegou no meio do culto específico de adoração pública, ou em algum momento durante o espaço de tempo em que labutaram para o Senhor naquela localidade.

As partes integrantes do serviço foram claramente delineadas nos versos

T. H. Blincoe,
Decano do
Seminário
Teológico
Adventista do
Sétimo Dia,
Berrien Springs,
Michigan, EE.UU.

2 e 3. Constituem a instrução do Espírito Santo à igreja: jejum, oração, imposição das mãos e envio oficial. Isso denota que Paulo e Barnabé partiram para o desempenho da missão a que foram chamados pelo Espírito Santo com toda a bênção e autorização da igreja.

A Sra. White parece encarar essa ordenação como paradigma para a igreja hoje em dia. Assim, nas circunstâncias relacionadas com a separação de Paulo e Barnabé pelo Espírito Santo, para um definido ramo de serviço, ela vê clara evidência de que "Deus opera mediante designados instrumentos em Sua igreja organizada" (*Idem*, p. 162).

Dois Perguntas Significativas

Isto suscita pelo menos duas perguntas significativas: Relativamente à ordenação, como o Senhor opera mediante designados instrumentos em Sua igreja organizada hoje em dia? e quais são esses instrumentos designados?

"Vi — escreve Ellen G. White — que Deus impôs a Seus ministros escolhidos o dever de decidir quem era apto para o trabalho sagrado; e, em

união com a igreja e os claros sinais do Espírito Santo, deveriam decidir quem haveria de ir e quem não estava em condições de ir". — *Testimonies*, vol. 1, p. 209. Na página 101 de *Primeiros Escritos*, ela refere-se novamente ao processo de tomar decisões, dizendo: "Irmãos de experiência e de mentes saudáveis devem congregar-se, e seguindo a Palavra de Deus e a sanção do Espírito Santo, devem, com fervente oração, impor as mãos sobre aqueles que tenham dado plena prova de que receberam o chamado de Deus, sendo então separados para se dedicarem inteiramente a Sua obra".

A análise das declarações acima revela que os "instrumentos designados" na organizada igreja de Deus, para a seleção e ordenação de ministros do evangelho, são ministros escolhidos, de experiência e mentes saudáveis, a igreja, a Palavra de Deus e as insinuações do Espírito Santo. Os ministros mencionados seriam logicamente os que tiveram mais conhecimento e mais íntimo contato com os que estavam sendo considerados para a ordenação. Pela "igreja", com toda a probabilidade a Sra. White tinha em mente a igreja ou as igrejas locais em que os candidatos haviam labutado. Assim os leigos seriam diretamente envolvidos no processo de tomar decisões. E por que não? Poderá ser omitido o testemunho dos frutos do trabalho de um homem

quando está em estudo sua aptidão para o ministério da igreja?

Ellen G. White também nos dá algumas orientações importantes para a atividade desses instrumentos divinamente designados. Ela lamenta o fato de que "sobre homens são colocadas as mãos para ordená-los para o ministério, antes que estes tenham sido perfeitamente examinados quanto às suas qualificações para o trabalho sagrado", e aconselha que seria melhor "fazer trabalho completo antes de aceitá-los como ministros" (*Testemunhos para Ministros*, p. 172).

No tocante à natureza desse exame completo, ela nos informa que os candidatos à ordenação devem ser "examinados especialmente a ver se possuem uma clara compreensão da verdade para este tempo, de modo a poderem apresentar um bem concatenado discurso sobre as profecias ou sobre assuntos práticos" (*Obreiros Evangélicos*, p. 439). Por estes últimos, a Sra. White designa os assuntos relacionados com a piedade prática ou com a experiência cristã, tais como a natureza da fé e como exercê-la, como orar, verdadeiro arrependimento, confissão, conversão genuína e o dom gratuito da justiça de Cristo. (Ver *Evangelismo*, pp. 168-216).

Além disso, as pessoas fiéis e experientes que efetuam esse exame metucioso "devem-se informar . . . [da história do candidato] desde a época em que professou crer na verdade. Sua experiência cristã e seu conhecimento das Escrituras, a maneira por que observe a verdade presente, tudo deve ser compreendido. Ninguém deve ser aceito como obreiro na causa de Deus, enquanto não tornar manifesto que possui uma experiência real e viva nas coisas de Deus" (*Obreiros Evangélicos*, p. 438).

Um Outro Trabalho a Ser Feito

O conselho dado por Ellen G. White vai, porém, um pouco mais além. Ela declara que depois de os candidatos terem sido cuidadosamente examinados e terem tido alguma experiência, "há ainda outro trabalho a ser feito quanto a eles: devem ser apresentados ao Senhor em fervorosa oração, a fim de que Ele indique, por Seu Santo Espírito, se são aceitos aos Seus olhos. Diz o apóstolo: 'A ninguém imponhas precipitadamente as mãos'. I Tim. 5:22. Nos dias dos apóstolos, os ministros de Deus não ousavam confiar em seu próprio juízo quanto à escolha ou aceitação de homens para tomar a solene e sagrada posição de porta-voz de Deus.

"Depois subiu ao monte e chamou os que Ele mesmo quis, e vieram para junto dEle. Então designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar, e a exercer a autoridade de expelir demônios".

Eles escolhiam os homens segundo o seu juízo, e depois os punham perante o Senhor, a ver se Ele os aceitaria como representantes Seus. Nada menos do que isso se deve fazer agora" (*Ibidem*).

Tanto quanto sabemos, esse processo divinamente inspirado de tomar decisões para a escolha de candidatos à ordenação não está sendo seguido na íntegra, em toda a parte, na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em vista disso, não continua sendo a propósito o que é declarado pela Sra. White? A solenidade e o caráter sagrado da mais alta vocação sobre a Terra não requerem, porventura, o mais esmerado e cabal exame que possa ser planejado por ministros de experiência e mentes saudáveis? Também deveria ser ouvida a voz dos leigos, dando-se-lhe o devido valor. No entanto, as decisões dos instrumentos humanos não são suficientes. A própria palavra de aprovação ou desaprovção de Deus deve ser obtida mediante o ministério do Espírito Santo, pois os ordinandos deverão ser Seus porta-vozes, Seus representantes.

Perguntamos: Como se poderá perceber essa palavra? Um colega com o qual falei a esse respeito acha que em realidade não sabemos o suficiente sobre a atuação do Espírito Santo. Ele tem a convicção de que não sabemos como cumprir a recomendação de apresentar os candidatos à ordenação "ao Senhor em fervorosa oração, a fim de que Ele indique, por Seu Santo Espírito, se são aceitos aos Seus olhos" ou pô-los "perante o Senhor, a ver se Ele os aceitaria como representantes Seus". Será que esse colega está certo? Com relutância, tive de reconhecer que sim.

A última frase do trecho de Ellen G. White citado no terceiro parágrafo mais acima: "Nada menos do que isso se deve fazer agora", nem sequer nos permite dizer que essa parte do processo de tomar decisões não é obrigatória ou declarar que não é possível descobrir como cumpri-la. Creio que isso acentua nossa necessidade de conhecer melhor o Espírito Santo e Seu ministério na obra da igreja e em nossa vida pessoal. Não deveríamos considerá-lo como um convite de Deus para examinar diligentemente as Escrituras e o Espírito de Profecia, com fervorosa oração e humildade, até aprendermos como deve ser executada essa recomendação divina? Pensai na deplorável perda que é evitada pela igreja quando não são ordenados ao ministério homens não aprovados pelo Espírito Santo. Pensai também na certeza que ad-

viria aos ordenandos se eles soubessem que o próprio Espírito Santo proferiu a palavra final de aprovação, antes de serem ordenados.

Ordenação de Médicos-Missionários e Diáconos

Por último, volvemo-nos para três das quatro categorias mencionadas na Bíblia e nos escritos de Ellen G. White, dentre os que devem ser reconhecidos pela igreja mediante o rito da ordenação. Isto abrange os médicos-missionários, cujo trabalho é em grande parte de natureza espiritual. "A obra do verdadeiro missionário-médico é em grande parte uma obra espiritual. Inclui oração e o impor das mãos [uma referência à oração pelos doentes delineada em S. Tiago 5:14 e 15?]; portanto ele deve ser separado para sua obra de maneira tão sagrada como o ministro do evangelho. Os que são escolhidos para desempenhar a parte de médicos-missionários, devem ser separados como tais". — *Evangelismo*, p. 546. A menos que eu esteja interpretando mal o que disse a Sra. White, deveria haver um distinto serviço de ordenação para os médicos-missionários, adaptado a sua vocação e função especiais na igreja.

A segunda categoria mencionada é a dos diáconos. O estudo de Atos 6 a 8 revela que o processo para tomar decisões foi seguido cuidadosamente. "Os sete homens escolhidos foram solenemente apartados para seus deveres pela oração e pela imposição das mãos. Aqueles que foram assim ordenados, não estavam, entretanto, excluídos de ensinar a fé. Pelo contrário, é lembrado que 'Estêvão, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo'. Eles estavam plenamente qualificados para instruir na verdade. Eram também homens de juízo calmo e discrição, bem capacitados para tratar de casos difíceis de julgamento, murmuração ou inveja. A escolha de homens para efetuarem os negócios da igreja, de modo que os apóstolos pudessem ficar livres para seu trabalho especial de ensinar a verdade, foi grandemente abençoada por Deus. A igreja crescia em número e em poder. . . . É necessário que a mesma ordem e sistema sejam mantidos na igreja agora como nos dias apostólicos". — *História da Redenção*, p. 260.

Que aconteceu na igreja com a categoria de diácono da maneira descrita acima? Parece ter havido uma diminuição da esfera de ação e da santidade dessa vocação, uma lamentável perda

"Vi — escreve Ellen G. White — que Deus impôs a Seus ministros escolhidos o dever de decidir quem era apto para o trabalho sagrado; e, em união com a igreja e os claros sinais do Espírito Santo, deveriam decidir quem haveria de ir e quem não estava em condições de ir".

de identidade e missão, a degeneração de diácono em acomodador. A ordenação dificilmente é um requisito necessário para que alguém possa tirar a oferta, abrir e fechar as portas e janelas da igreja, ou mesmo para distribuir os elementos da Ceia do Senhor. Será que os ministros ordenados não são pelo menos parcialmente responsáveis pela atual situação em muitas de nossas igrejas, se não em todas elas? Não deveria haver uma restauração do ideal bíblico e uma reforma progressiva que conduzisse toda a igreja neste sentido?

A terceira categoria se compõe daqueles a quem Deus chamou para mi-

nistrar em palavra e doutrina. São os que tenho tido em vista durante a maior parte deste artigo. Torno a referir-me a eles com uma finalidade específica. Ellen G. White escreveu: "Os que são escolhidos por Deus para serem líderes em Sua causa, tendo a supervisão geral dos interesses espirituais da igreja, devem ser aliviados, tanto quanto possível, de cuidados e perplexidades de natureza temporal. Aqueles a quem Deus chamou para ministrar em palavra e doutrina devem ter tempo para meditação, oração, e estudo das Escrituras. Seu claro discernimento espiritual é diminuído ao entrarem em mínimos detalhes de negócios e no trato com os vários temperamentos das pessoas que se reúnem em qualidade de igreja". — *Idem*, p. 261.

Não é verdade que nós, os ministros, temos assumido demasiados cuidados e perplexidades de natureza temporal? Será que uma das causas não tem que ver com a injustificável importância que atribuímos a nossa ordenação, achando que ela nos habilitou imediatamente para todos os tipos de ministério na igreja? Por outro lado, talvez nossa teologia a respeito da ordenação tenha perdido sua centralização e intensidade espirituais por havermos perdido esses característicos em nossa própria experiência. Será que os mínimos detalhes dos negócios da causa de Deus, os quais deveriam ter sido entregues a outros que foram chamados e mesmo ordenados para esse ministério, estão obscurecendo nossa percepção espiritual, privando-nos de tempo para meditação, oração, e estudo das Escrituras? Pensai na perda espiritual para a igreja. Não é chegado o tempo de reconsiderarmos nossas atribuições da maneira delineada na Bíblia e no Espírito de Profecia, pondo nossa prática ministerial em harmonia com essas fontes inspiradas?

Parece ser necessário dizer mais uma palavra. Aos leitores que acharem que aquilo que eu escrevi aqui é mais uma homília do que uma parte preliminar

da teologia de ordenação, desejo lembrar que a teologia atinge seu maior brilho quando é aplicada aos interesses essenciais e práticos da igreja.

Uma Teologia de Ordenação

Uma Interpretação Adventista do Sétimo Dia

As considerações durante uma conferência em 1970, entre teólogos adventistas do sétimo dia e representantes do Concílio Mundial de Igrejas, conduziram à solicitação pelos participantes do grupo ecumênico de que apresentássemos uma concisa e clara declaração da posição adventista do sétimo dia no tocante à natureza e à missão da igreja. Os Drs. Raoul Dederen e Gottfried Oosterwal, do Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia na Universidade Andrews, foram convidados a preparar individualmente um documento de quinze páginas — o primeiro sobre a natureza da igreja, e o segundo sobre sua missão. Essas duas dissertações servem de base para a apresentação final de Raoul Dederen sobre a Teologia de Ordenação, e serão publicadas em duas parcelas.

Introdução

Cumprir notar que esse suplemento (de *The Ministry*) se compõe de três artigos de dois autores que pertencem ao Corpo Docente do Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia na Universidade Andrews. Os primeiros dois artigos foram publicados na revista *The Ministry* de julho de 1972. São reimpressos aqui em sua totalidade.

Junto com esses dois artigos da autoria dos Drs. Raoul Dederen e Gottfried Oosterwal, publicados anteriormente, há um terceiro artigo — Uma Teologia de Ordenação — escrito pelo Dr. Raoul Dederen. Este último documento faz parte de uma série elabo-

Gordon M. Hyde, diretor do Instituto de Pesquisas Bíblicas da Associação Geral dos ASD.

rada três ou quatro anos atrás, quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia começou a estudar o assunto do papel das mulheres na igreja, e foi apresentado pela primeira vez no Concílio de Camp Mohaven, que versou sobre esse assunto e ao qual compareceu virtualmente igual número de homens e mulheres. Posteriormente, esse documento, com pequenas revisões e modificações, foi examinado pelo Instituto de Pesquisas Bíblicas da Associação Geral, o qual estava empenhado em desenvolver uma ampla série de artigos sobre o assunto do papel das mulheres. Alguns desses artigos já foram publicados na *Review* (5, 12, 19 e 26 de agosto; 2 e 9 de setembro de 1976).

Julgou-se que os três artigos ora apresentados se acham estreitamente ligados um ao outro, pois os dois primeiros versam sobre a natureza e a missão da igreja, e o terceiro trata do assunto de uma teologia de ordenação sem levar em conta se os candidatos são do sexo masculino ou feminino.

Conquanto se tenha consignado que a Igreja Adventista do Sétimo Dia não autorizou a ordenação de mulheres ao ministério evangélico nessa ocasião, ela indicou sua disposição de continuar os estudos acerca do amplo contexto do papel das mulheres na igreja. Visto que o assunto da ordenação tem recebido muita atenção ultimamente e tem havido explicito desejo de uma clara teologia de ordenação, esperamos que esta tríade de documentos seja útil ao ministério da igreja e a outros leitores desta revista na avaliação desses assuntos. A Comissão Executiva do Instituto de Pesquisas Bíblicas aprovou a inclusão do terceiro artigo em sua forma atual.

A Natureza da Igreja

"Pertencer à igreja de Deus é um privilégio único e que produz na alma grande satisfação. Deus tem o propósito de reunir um povo desde os distantes confins da Terra, a fim de constituir-lo em um só corpo, o corpo de Cristo, a igreja, da qual Ele é a Cabeça viva. Todos quantos são filhos de Deus em Cristo Jesus, são membros de Seu corpo, e dentro desta relação podem desfrutar do companheirismo mútuo e de companheirismo com seu Senhor e Mestre".

É nesses termos que o *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* apresenta o assunto da igreja de Deus.¹ Eles chegam tão perto de uma definição do assunto quanto se possa desejar. Na realidade, não há, por parte dos adventistas do sétimo dia, uma definição formal de igreja que se possa chamar autorizada. O uso dessa palavra no *Manual da Igreja* não constitui uma tentativa para prover-nos uma explicação abstrata. Temos de remontar-nos à realidade histórica da igreja no Novo Testamento como comunidade religiosa que, sob o poder do Espírito Santo, reconhecia a soberania de Jesus de Nazaré.

O próprio emprego do vocábulo grego *ekklesia* para designar a gloriosa realidade a que pertenciam os cristãos primitivos parece denotar uma clara compreensão, de sua parte, do significado desse termo. Com efeito, não era uma expressão nova. Sendo usada para as assembleias populares no governo das cidades gregas independentes, assumiu um significado religioso na Septuaginta, ao designar a "congregação" de Israel, o povo teocrático judeu. Parece que essa era uma das idéias que predominavam na igreja cristã primitiva ao ser usado o vocábulo *ekklesia*. Ela se considerava "o Israel de Deus" (Gál. 6:16), a verdadeira continuação do eleito de Deus. Os que viviam inteiramente pela fé em Deus, embora não descendessem biologicamente de Abraão como "filhos da carne", tornaram-se descendentes espirituais desse patriarca, "os filhos da promessa".²

A obra especial de Deus para a salvação da humanidade caída e o come-

Raoul Dederen,
professor de
Teologia no
Seminário
Teológico da
Universidade
Andrews.

ço de Sua igreja são relatados na história do concerto que Ele estabeleceu com Abraão, Seu servo (ver Gênesis 17). Foi mediante essa aliança com Abraão e sua posteridade que Israel passou a desfrutar uma relação especial com *Yahweh*, diferente da relação existente entre Deus e os pagãos. Deus ainda era Senhor dos incircuncisos, mas era o Deus de Israel num sentido único e especial. A religião bíblica é claramente uma religião convencional, a qual, no caso de Israel, encontra sua expressão clássica em Êxodo 19:3-6:

"Subiu Moisés a Deus, e do monte o Senhor o chamou e lhe disse: Assim falarás à casa de Jacó, e anunciarás aos filhos de Israel: Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos cheguei a Mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a Minha voz, e guardardes a Minha aliança, então sereis a Minha propriedade peculiar dentre todos os povos: porque toda a Terra é Minha; vós Me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel".

Deparamos nessa passagem com a noção bíblica da igreja, de sua missão e tarefa. Deus escolheu a Israel para a salvação, não só dos descendentes de Abraão, mas do mundo todo. Israel deve ser um reino de sacerdotes cuja tarefa é comunicar o conhecimento de Deus a toda a humanidade. Essa nação sacerdotal, a igreja do Êxodo e da Tora, é, na realidade, a luz destinada a iluminar todos os homens (Isa. 43:10; Zac. 8:23). Quando ele acabou de ler os mandamentos de Deus e o povo respondeu: "Tudo o que falou o Senhor, faremos" (Êxo. 24:7), Moisés selou o concerto aspergindo sobre o povo o sangue dos sacrifícios de animais e declarando: "Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez convosco a respeito de todas estas palavras" (Êxo. 24:8).

Uma Questão de Continuidade

Os cristãos primitivos pretendiam ser a continuidade de Israel, o povo que Deus escolhera antes do tempo de

Jesus. Desde o princípio eles interpretaram sua existência cristã sob a perspectiva da proclamação e do cumprimento messiânico dos Velho Testamento. Isso abrangia uma mui clara teologia da História: "Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, nos profetas, nestes últimos dias nos falou, em Um que é Seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual fez também o Universo". Heb. 1:1 e 2. Os dias de expectativa haviam terminado. Chegara o dia do Senhor. Para tudo isso, porém, o novo concerto inaugurado pelo Senhor Jesus e selado pelo Espírito Santo no Pentecostes era apenas o concerto antigo, restaurado, cumprido, reassumido e renovado. A igreja cristã identificou-se claramente com o verdadeiro Israel de Deus, do qual ela era o remanescente.

Essa audaciosa reinterpretação do plano da salvação revelado no Velho Testamento é obviamente o resultado da própria declaração de Jesus, de que Sua vida e morte constituíam o cumprimento não só das profecias do Velho Testamento, mas também de todo o sistema sacrificial de Israel. Escreve Marcos: "Então lhes disse: Isto é o Meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos". S. Mar. 14:24. A expressão "sangue da aliança" parece ter sido extraída diretamente de Êxodo 24:8. Segundo o relato paulino, Jesus declarou: "Este cálice é a nova aliança no Meu sangue" (I Cor. 11:25), referindo-se assim explicitamente à profecia de Jeremias a respeito do dia em que o Senhor faria um novo concerto (ou aliança) com a casa de Israel e a casa de Judá (ver Jer. 31:31-33).

No Novo Testamento a igreja de Jesus Cristo é descrita como o novo Israel estabelecido por meio do concerto no sangue do Messias. A igreja cristã é a herdeira dos privilégios e responsabilidades espirituais que pertenciam ao Israel antigo. Sem dúvida tendo em mente Êxodo 19, Pedro pôde escrever: "Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz, vós, sim, que antes não éreis povo, mas agora sois povo de Deus". I S. Ped. 2:9 e 10.

Uma Assembléia Convocada por Deus

Não há outro meio, além da fé, de afirmar a realidade da igreja. Unicamente pela fé se pode declarar que certos fatos provêm da intervenção di-

A inseparável ligação entre Cristo e a igreja é ostensivamente manifestada ao leitor cristão por diversas figuras usadas na Bíblia. Por conseguinte, a igreja é comparada, entre outras coisas, a um rebanho, a um edifício, a uma noiva, bem como ao corpo de Cristo.

vina na História e, denotando a presença de Deus, são constitutivos de uma realidade específica que se chama Igreja. Fora da fé, a igreja é meramente uma associação baseada nalgum instinto social, nalgum impulso de afeição mútua ou em qualquer outra atração natural que congregue e una as pessoas.

A igreja é uma realidade sociológica, uma sociedade humana, temporal, visível e que ainda está "neste mundo", sendo neste sentido comparável a outros agrupamentos humanos. Mas é mais do que uma comunidade humana, pois, antes de mais nada, é uma assembléia convocada por Deus. As pessoas reunidas por ela são *crentes* que atendem ao chamado de Deus e com os quais Ele renova a relação do concerto, a comunhão original de Pai e Filho. É o Senhor quem atrai e reúne — Cristo habitando no crente, enxertando-o em Sua Pessoa, a fim de que se torne participante de todas as Suas riquezas. Essa junção singular pela qual Cristo Se une ao crente, e o crente a Cristo, expressa as convicções dos cristãos primitivos de que a igreja cristã transcende em muito às dimensões de uma sociedade estritamente humana. Cremos que nela existem, lado a lado, o elemento divino e objetivo, e a dimensão subjetiva e humana, ambos os quais precisam ser reconhecidos em seu encontro, para dar-nos correta compreensão do conceito do Novo Testamento sobre a igreja.

Figuras da Igreja

A inseparável ligação entre Cristo e a igreja é ostensivamente manifestada ao leitor cristão por diversas figuras usadas na Bíblia. Por conseguinte, a igreja é comparada, entre outras coisas, a um rebanho, a um edifício, a uma noiva, bem como ao corpo de Cristo.

O primeiro símbolo, a figura bucólica de um rebanho do qual Cristo é o "Bom Pastor" (S. João 10:1-16; S. Luc. 12:32),³ ainda tem imediata aplicabilidade numa época de industrialização. Isto nos faz lembrar de que os discípulos de Cristo são indivíduos vivos e distintos, cada um dos quais necessita do cuidado e da proteção de um pastor, que só lhes podem ser proporcionados quando se unem a Cristo e O seguem.

Quando o Novo Testamento retrata a igreja como "família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Ele mesmo Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor" (Efés. 2:19-21),⁴ há bem pouca dúvida acerca

do significado intencional dessa metáfora. A igreja deve ser, singularmente, o sinal da presença de Deus na História. Sendo edificada constantemente — pois jamais estará completa na Terra até que se consuma o propósito final de Deus — Cristo a conserva unida e lhe dá forma.

Poucas figuras conseguem superar a metáfora da noiva e do noivo, que ilustra adequadamente a verdadeira relação entre Cristo e Sua *ekklesia*, em Efésios 5:21-33. Essas expressões evocam espontaneamente a intimidade matrimonial, tantas vezes usada no Velho Testamento para representar a relação do concerto existente entre Deus e Seu povo,⁵ e adotada por Jesus ao referir-Se a Si mesmo como o Noivo (S. Mar. 2:20). Ela enaltece o amor de Cristo por Sua igreja, o amor de Cristo que a Si mesmo Se sacrificou para o bem de Seu povo, a fim de que pudessem tornar-se “uma só carne” com Ele. Por outro lado, as ilações de obediência, pureza e amor responsivo, que a noiva de Cristo deve possuir, têm pelo menos idêntica importância. Estando irrestritamente sujeita a seu Senhor, a igreja obtém seu amparo unicamente de Cristo.

Acontece, porém, que o conceito da igreja como corpo de Cristo, provavelmente mais do que qualquer outro símbolo, acentua até que ponto Cristo inunda Sua *ekklesia* com a riqueza de Sua glória (Efés. 1:18-23).⁶ Ele distribui continuamente em Seu corpo dons ministeriais, a fim de que seus membros reflitam os Seus traços de caráter em sua própria vida e cumpram os Seus propósitos de graça (Efés. 4:11-16). Cristo é a cabeça da igreja na medida em que constitui a fonte de sua nutrição, crescimento, direção e unidade. Visto que Cristo é o espírito animador e a vida da igreja, todos os membros devem modelar-se por Ele até que Cristo seja formado neles (ver Gál. 4:19). Não há lugar para divisão ou cisma, pois ela é “um só corpo” (Col. 3:15), do qual todos os crentes são membros.

Essas diversas figuras destinadas para instrução da comunidade cristã indicam que para os escritores do Novo Testamento a igreja não é mais separável de Cristo do que Cristo é separável de Deus.

A Igreja e o Espírito

Separada de Cristo, a *ekklesia* cristã não é mais a igreja no verdadeiro sentido da palavra. Tampouco pode existir sem o Espírito Santo. A presença efetiva do Espírito não é menos essencial

No Novo Testamento a igreja de Jesus Cristo é descrita como o novo Israel estabelecido por meio do concerto no sangue do Messias. A igreja cristã é a herdeira dos privilégios e responsabilidades espirituais que pertenciam ao Israel antigo.

à vida da igreja do que a contínua presença de Cristo. A própria fé que caracteriza o crente é, de acordo com o Novo Testamento, obra ou dom do Espírito: “Ninguém pode dizer — ‘Jesus é Senhor’ — a não ser que seja guiado pelo Espírito Santo”. I Cor. 12:3, A *Bíblia na Linguagem de Hoje*. Segundo prometeu o Senhor, o Espírito “vos guiará a toda a verdade” (S. João 16:13). Sem a presença e atuação do Espírito Santo, a igreja é inconcebível.

A inseparabilidade da igreja e do Espírito é acentuada com muita intensidade na ocorrência do Pentecostes. O dia que assinalou o autêntico estabelecimento da igreja foi também o dia em que os discípulos “todos ficaram cheios do Espírito Santo” (Atos 2:4), ao ser derramado sobre eles o Espírito. Não que não houvesse testemunhas da obra do Espírito nos tempos pré-cristãos, mas tanto o testemunho de Jesus como a convicção dos apóstolos nos dizem no Novo Testamento que nesse dia começou uma nova espécie de vida, que é o dom do Espírito (S. João 14:16 e 17; Atos, *passim*). Isso constituiu um verdadeiro encontro entre o homem e o Espírito divino.

A obra do Espírito, da maneira como é efetuada na comunidade cristã, é de grande importância para a igreja. Sendo uma pessoa, Ele lida conosco como pessoas. Visto que Seu ministério é a contínua seqüência da Encarnação, Ele ilumina a mente humana e nos habilita a reconhecer a presença de Jesus. Por Seu intermédio, Cristo não é mais uma figura do passado, e nosso conhecimento a Seu respeito não consiste apenas de informações biográficas, mas de profundo e verdadeiro companheirismo pessoal, uma relação entre uma Pessoa e pessoas. Cristo vem a nós diariamente no Espírito Santo, O qual não somente nos conduz à fé, mas também ao discipulado. “Guiados pelo Espírito de Deus” (Rom. 8:14) a uma relação filial com Deus, somos também “chamados em um só corpo”, o de Cristo (Col. 3:15), onde participamos da *koinonia* do Espírito e de Cristo.⁷ É nessa unidade de pensamento e propósito que a vida do crente repleto do Espírito produz “o fruto do Espírito”, o qual, de acordo com o apóstolo, é “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio-próprio” (Gál. 5:22 e 23).

Além desses atributos da vida cristã que constituem o “fruto” da obra do Espírito por todos os que são guiados por Ele, há determinados dons espirituais, ou *charismata*, que são outorga-

dos a certos membros da igreja, em diferentes medidas, até o fim do tempo. São qualidades e poderes especiais comunicados aos crentes para o serviço da igreja (Rom. 12:6-8). Foram proporcionados à igreja quando Jesus ascendeu ao Céu (Efés. 4:8-14). Apresentados como tendo sido dados por Cristo (V. 11), acredita-se também que são distribuídos pelo Espírito, como este último considera mais necessário (I Cor. 12:11), com a finalidade de corrigir e unir os santos, bem como preparar a igreja para a vinda de seu Senhor.

A Igreja e a Palavra de Deus

A igreja não existe para seu próprio benefício. Deus adquiriu-a como Sua propriedade exclusiva, a fim de que proclame as prodigiosas ações dAquele que a chamou das trevas para a Sua maravilhosa Luz (I S. Ped. 2:9). Ela existe para realizar o encargo que lhe foi confiado por Jesus Cristo. Assim como Cristo veio efetuar a obra que o Pai Lhe deu, também a igreja, sendo "para com Deus o bom perfume de Cristo; tanto nos que são salvos, como nos que se perdem" (II Cor. 2:15), tem a responsabilidade de difundir por toda a parte a fragrância do conhecimento de Deus.

Deparando constantemente com o problema de sua autoridade no desempenho dessa tarefa, a igreja cristã volve o olhar para Cristo, sua Cabeça, em busca de orientação e guia. NEle, recebido como a Palavra de Deus encarnada e vivente entre os homens, ela encontra a única fonte autorizada de suas decisões e preferências. Ser cristão significa dizer "Sim" a Ele e aceitar irrestritamente Sua autoridade.

A religião cristã não é, em primeiro lugar, a aceitação de um credo, nem a obediência a um código moral. Em sua essência mais profunda, ela é, como no caso dos apóstolos, a entrega a uma pessoa, a Jesus Cristo. Como foi com os apóstolos, assim é também conosco. É o próprio Jesus Cristo, e não algum ensino a Seu respeito, que constitui a Palavra de Deus para a igreja. Séculos mais tarde, a fim de ajudar-nos a reconhecer o Espírito de Cristo e a estabelecer com o Senhor a espécie de relação pessoal experimentada pelos apóstolos, a Palavra de Deus vem até nós sob a forma de linguagem escrita ou oral. A palavra escrita pelos apóstolos não é, naturalmente, idêntica à própria Palavra divina, pois a linguagem humana partilha de nossa debilidade. Mas é o meio escolhido por Deus para falar-nos. O único Cristo que co-

A igreja é uma realidade sociológica, uma sociedade humana, temporal, visível e que ainda está "neste mundo", sendo neste sentido comparável a outros agrupamentos humanos.

nhecemos é o Cristo dos apóstolos e de seu testemunho. Cremos que isto explica por que os escritores do Novo Testamento esperavam que os que recebiam sua mensagem a acolhessem como autorizada, como "a palavra de Deus" (II Tess. 2:13), como "mandamento do Senhor" (I Cor. 14:37).

A sincera pregação da palavra de Deus como se encontra nas Escrituras, portanto, não é certamente um aspecto secundário ou casual na vida da igreja. É aí que está sua autoridade. A igreja se levanta e cai com a Palavra escrita, pois esses escritos são a forma legível do testemunho apostólico da revelação de Deus em Jesus Cristo, segundo João salientou ao escrever: "O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida ... anunciamos também a vós outros, para que vós igualmente mantenhai comunhão conosco". I S. João 1:1 e 3. Pela fé e mediante o testemunho de Cristo e dos apóstolos, a igreja cristã aceita as Escrituras do Velho e do Novo Testamento como a autorizada Palavra de Deus. É neste sentido que ela pode e deve, em cada geração, aprender a conhecer a Cristo de tal modo que saiba com que autoridade enfrenta um mundo que cada vez mais põe em dúvida o seu direito para falar.

A Santidade da Igreja de Deus

Em virtude da justiça mediadora de seu Senhor, a igreja, cuja "comunhão é com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo" (I S. João 1:3), é considerada santa diante de Deus. Ela pode realmente ser chamada de comunidade de santos. Seus membros, que pela fé têm estado sob a mercê do perdão de Deus, tornaram a participar assim do concerto divino, da comunhão divina.

Essa santidade é, antes de mais nada, uma santidade do homem interior, que encontra sua expressão na vida exterior. Mas encerra também a idéia de separação, de pôr à parte. Este aspecto é realçado claramente no Israel antigo e mantido pelo Novo Testamento. O povo de Deus não pode confundir-se com outros. A fé sempre faz distinção. A igreja é santa pelo fato de estar separada do espírito do mundo, ter-se consagrado a Deus e afirmar a autoridade objetiva de Jesus Cristo sobre todos os seus membros.

A Igreja é Apostólica

Chamada por Deus, nutrida por Sua

Palavra e considerada santa diante dEle, a igreja estaria, no entanto, contradizendo a si mesma se ela se insulasse na contemplação, na ação de graça ou mesmo na intercessão. A igreja é também apostólica. Lembra-se de que Jesus, seu Senhor, chamou e depois enviou em missão os que dEle aprenderam a mensagem do Evangelho. Eles tornaram-se recipientes e depositários de Sua Palavra, bem como Seus mensageiros. Aonde quer que fossem, eram enviados ou apóstolos de Cristo no sentido básico dessa palavra no Novo Testamento, Seus representantes e embaixadores levando Sua mensagem de reconciliação (II Cor. 5:17-21). "Quem vos der ouvidos, ouve-Me a Mim", explicou Jesus (S. Luc. 10:16). A igreja, portanto, é apostólica, visto que constitui o mensageiro de Cristo à humanidade.

Parece ser desnecessário alongar-nos sobre o fato de que a lealdade ao evangelho de Cristo implica, concretamente, a fidelidade aos escritos apostólicos. Ser "apostólico" também significa dedicar-se à doutrina e à comunhão dos apóstolos (Atos 2:42). A igreja será apostólica na medida em que prestar atenção ao ensino dos apóstolos consignado nas Escrituras, o que é primeiramente a condição sob a qual a autoridade de Cristo será exercida sobre ela.

A Igreja, Visível e Invisível

Tornar-se membro da igreja é sempre a resposta a um convite divino. As pessoas são atraídas para a igreja por ficarem encantadas com a figura de Jesus Cristo, que as convida a partilharem da tarefa de dar explícito testemunho do que ocorreu, do que está ocorrendo e do que ocorrerá na História. Visto que só Deus conhece os que atenderam a esse convite, somente Ele sabe quais são os limites da igreja.

Israel não é tudo quanto é chamado por esse nome, assevera o apóstolo, e a verdadeira circuncisão não é um simples sinal na carne (ver Rom. 2:25-29). Todos sabiam que Natanael era um israelita; unicamente o Senhor sabia, porém, com absoluta certeza, que ele era um indivíduo em quem não havia dolo. Ao falar de uma igreja visível e invisível, os adventistas do sétimo dia não fazem alusão a duas igrejas diferentes, e, sim, a dois aspectos da única igreja de Cristo. Assim como existe sobre a Terra, a igreja é tanto visível como invisível. Diz-se que é invisível porque sua natureza espiritual só é discernível pela fé e também porque é impossível determinar infalivelmente quem pertence ou não a ela. A igreja

Separada de Cristo, a ekklesia cristã não é mais a igreja no verdadeiro sentido da palavra. Tampouco pode existir sem o Espírito Santo. A presença efetiva do Espírito não é menos essencial à vida da igreja do que a contínua presença de Cristo.

invisível na Terra é o conjunto de pessoas que pertencem ao concerto da graça, que receberam o Espírito Santo e que são membros do corpo de Cristo.

A idéia de invisibilidade, portanto, embora expresse a transcendência e a unidade da igreja, não constitui uma tentativa de nossa parte para depreciar a realidade temporal e a vida da igreja. A igreja invisível assume uma forma visível numa organização externa por meio da qual ela se expressa. A igreja torna-se visível na profissão e conduta cristã, no ministério da Palavra e dos sacramentos, bem como na organização e administração externas.

Os adventistas do sétimo dia reconhecem sinceramente que Cristo está trabalhando em todas as igrejas cristãs e por meio delas. Crêem que Deus tem seguidores sinceros em todas as comunhões cristãs e mesmo além do âmbito do cristianismo. Ao mesmo tempo, porém, continuam a afirmar que a Igreja Adventista do Sétimo Dia ocupa uma posição singular entre as igrejas cristãs. Consideram-se o povo da profecia. Crêem que Deus ordenou profeticamente — segundo é expresso em Apocalipse 14:6-12 — que nos últimos dias surgisse um movimento religioso que advertisse o mundo a respeito da iminência da segunda vinda de Cristo e procurasse preparar os homens para o dia de Deus, dirigindo-os a um caminho que esteja em plena conformidade com os ensinamentos das Escrituras. Assim como o povo de Deus em tempos antigos foi convidado a fugir de Babilônia literal (ver Isa. 48:20; Jer. 50:28, 51:6 e 45), a fim de que pudessem retornar a Jerusalém, Seu povo hoje em dia é convidado a sair da Babilônia mística, para que não participem de seus flagelos (ver Apoc. 18:4), mas sejam considerados dignos de entrar na Nova Jerusalém. Escritores pseudepigráficos e cristãos primitivos identificaram a Babilônia mística com Roma dos Césares. Dois séculos antes da Reforma, alguns começaram a aplicar essa metáfora a Roma papal. Esse tempo ainda não chegou, mas os adventistas entendem que imediatamente antes do *eschaton*, essa metáfora abrangerá todos os cristãos nominais cujo apego às tradições humanas e ao mundo é mais forte do que seu apego a Cristo — segundo é evidenciado pelo seu sistema de vida. A proclamação para sair de Babilônia produzirá um grupo de cristãos dedicados — às vezes denominados "Igreja Remanescente" — a cujo respeito é declarado: "Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus". Apoc. 14:12. Essa afirmação não significa que os ad-

ventistas do sétimo dia se considerem melhores cristãos do que os outros. Tem que ver com a Igreja Adventista como movimento profético ao qual foi confiada uma mensagem profética a todo o mundo.

A Igreja e os Sacramentos

Diante da exposição precedente, deveria ficar bem claro que os adventistas do sétimo dia consideram a igreja uma comunhão de pessoas que, tendo sido chamadas por intermédio do Espírito Santo, se acham vinculadas à Palavra divina por viva fé e obediência. Essa igreja é universal, pois não é a igreja de determinado país, geração ou cultura. Ela transcende a todas as suas realizações locais e temporais, que apenas constituem formas provisórias até o glorioso dia da volta de seu Senhor.

O batismo é o sinal de entrada na igreja, confirmando o nascimento espiritual da pessoa na família de Deus. O batismo cristão não é somente um batismo de água, mas também do Espírito. Há um laço indissolúvel entre o batismo cristão e o dom do Espírito. Ele não somente é um sinal de arrependimento e perdão, de morte e ressurreição com Cristo (Rom. 6:3-11), mas também de recebimento do Espírito Santo (I Cor. 12:3). Todo aquele que é batizado não pertence mais ao mundo, nem mais lhe está sujeito. Almeja ser reconhecido como estando sob a autoridade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Pertence unicamente a Cristo e só se relaciona com o mundo por meio de Cristo.

Se o batismo é o sinal visível de nosso ingresso na família de Deus, a Ceia do Senhor, precedida pelo lava-pés, representa tudo o que Deus tem feito, está fazendo e ainda fará por nós no fim dos séculos. Ao participar do pão partido e do fruto da videira, anunciamos a morte do Senhor até que Ele venha (I Cor. 11:23-26).

O batismo, a Ceia do Senhor e a pregação da Palavra estão intimamente relacionados como expressões de verdadeiro culto cristão. Prestar culto não é algo que o homem faz para Deus; e, sim, a resposta do homem ao que Deus já fez por ele. Nessas ocasiões a família de Deus se reúne em Sua presença para glorificá-Lo. Conquanto a relação com Cristo envolva a decisão pessoal, ser salvo significa ser salvo em comunhão e não em soledade. Ser salvo significa pertencer à companhia dos salvos, à igreja, onde, nos primeiros tempos do cristianismo, segundo diz o apóstolo, "todos os que creram estavam juntos" (Atos 2:44).

A obra do Espírito, da maneira como é efetuada na comunidade cristã, é de grande importância para a igreja. Sendo uma pessoa, Ele lida conosco como pessoas.

A Unidade da Igreja

O culto e os sacramentos cristãos constituem também sinais exteriores da redescoberta unidade do povo de Deus, uma unidade restabelecida em Jesus Cristo. Dispersos e opoñdo-se uns aos outros por tudo o que o pecado acrescenta às naturais idiossincrasias humanas e converte em divisões e hostilidades, os homens, por sua fé em Cristo, recuperam a unidade de sua origem e de seu destino. Pela fé eles são um, pois agora se tornaram participantes do único Filho de Deus e para Si mesmo Se deu para salvá-los e para fundar a igreja. Essa unidade é claramente assinalada pela intercessão sumo-sacerdotal de Jesus, na qual Ele orou por Seu povo, "para que eles sejam um, assim como Nós. . . E como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em Nós; para que o mundo creia que Tu Me enviaste" (S. João 17:11 e 21). A própria natureza da igreja requer isto, segundo Paulo indicou em sua Epístola aos Filipenses (Cap. 4:4-6).

Os adventistas do sétimo dia deploram as divisões da casa de Deus. Eles não professam que a unidade da igreja é de natureza tão espiritual e invisível que as divisões que dilaceram o corpo de Cristo devam ser consideradas sem importância. Unidade cristã, por certo, não significa uniformidade para nós. A unidade cristã envolve diversidade, como as variações no culto e nas formas de organização. Essa própria diversidade confere interesse e beleza à vida do corpo. Ao mesmo tempo, porém, afirmamos que o pedido de Jesus — "assim como Nós" — requer uma comunhão em espírito, desígnio e caráter mediante a qual os cristãos devem ser um em suas crenças principais e nas verdades fundamentais da Palavra de Deus. Só a fé em Jesus Cristo não expressa a plenitude da unidade cristã que, segundo pensamos, está relacionada tanto com a fé como com o conhecimento (Efés. 4:13). Não podemos separar a questão da unidade da questão da verdade. As duas estão inseparavelmente ligadas uma à outra, pois a unidade cristã é essencial não somente para proporcionar convincente evidência de que a afirmação de Cristo a Seu próprio respeito era verdadeira (S. João 17:21), mas também para possibilitar o cumprimento da comissão evangélica "por todo o mundo" (S. Mat. 24:14).

Eclesiologia e Escatologia

A igreja de Deus não procede de baixo, mas de cima. É uma criação di-

vina. Formada na História, ao Deus chamar um remanescente, Israel, e entrar em comunhão com ele, mediante o qual seriam benditas todas as nações da Terra, recebeu nova forma em Jesus Cristo. No poder do Espírito Santo, Ele reuniu e reconstruiu o povo de Deus em Sua Pessoa, de modo que a comunidade cristã pudesse desempenhar uma parte central na história da salvação. Ela deverá assumir ainda uma forma definitiva e eterna quando Cristo vier outra vez para renovar Sua criação. Então Sua igreja será "gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante" (Efés. 5:27).

A iminente segunda vinda de Cristo é uma crença importantíssima da fé adventista, conforme indica o nosso nome denominacional. Parece que o fato característico que separou os adventistas do sétimo dia dos outros cristãos, foi a sua convicção de que a compreensão cristã da redenção individual por meio de Cristo abrange a realização e o aperfeiçoamento do povo de Deus em Seu reino escatológico. Esse reino, na realidade, é tanto presente como futuro: presente em Jesus e em Sua igreja, onde ele está "começando"; futuro no ato final que Deus realizará no fim da História, quando será "completado". A vontade e a obra de Deus serão consumadas.

A igreja surgiu como resultado da Encarnação. Desde então ela tem servido de ponte ou de elo vivo entre a

Deparando constantemente com o problema de sua autoridade no desempenho dessa tarefa, a igreja cristã volve o olhar para Cristo, sua Cabeça, em busca de orientação e guia.

ressurreição de Cristo e Sua volta. Ela vive entre o "já" da primeira e o "ainda não" da segunda. Entre o tempo da sementeira e o tempo da colheita, entre o tempo do Messias sofredor e o dia de Seu glorioso aparecimento, a igreja é peregrina, não sendo jamais tudo o que já foi e tudo o que será. Abrange uma realidade cujas expressões no passado e no presente só podem dar-nos uma idéia imperfeita, pois a igreja está sujeita às limitações da criação. Ela está a caminho de um autêntico reino de unidade e amor, quando então, "naquele dia", se realizará inteiramente o amplo significado da vida revelado em Jesus de Nazaré. Enquanto isso, débil e defeituosa como possa parecer, a igreja continua sendo, sobre a Terra, o objeto da suprema consideração do Senhor, aguardando com esperança o aperfeiçoamento final, quando se manifestar plenamente o propósito de Deus ao escolhê-la.

1. Publicado pela Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Edição de 1974 pela Casa Publicadora Brasileira, p. 25.

2. Ver Rom. 4:12, 9:8. Cp. Filip. 3:3; I S. Ped. 2:9.

3. Ver também Atos 20:28 e 29; Heb. 13:20; I S. Ped. 5:2-4; Apoc. 7:17.

4. Ver também S. Mat. 16:18; 21:42; I Cor. 3:9-14; I S. Ped. 2:6 e 7.

5. Ver Isa. 54:5; Jer. 3:14; Ezeq. 16:8-14; Osé. 2:19.

6. Ver Rom. 12:4 e 5; I Cor. 6:15; 12:12-27; Col. 1:18 e 24; 2:19.

7. Ver II Cor. 13:14; Filip. 2:1; I Cor. 1:9.

Fumo e Saúde

1ª Parte

"Jamais alguém ficará impune ao uso do tabaco. Cedo ou tarde, receberá dele a lesão transitória ou definitiva". — Dr. Hugo Beolchi Júnior.

Algumas pessoas medem a vida por sua duração, outros a medem por sua qualidade, sua plenitude, seu grau de gozo e satisfação e suas oportunidades de servir a humanidade.

Os que a medem por sua duração, preocupam-se mais pelo número de aniversários que têm na frente do que pelo que estão realizando. Os que medem a vida por sua amplitude e suas satisfações, preocupam-se mais com os fatos do que com o número de anos

Dr. Zildomar Deucher, cirurgião torácico e cardiovascular; diretor do Hospital Adventista Silvestre.

Artigos Gerais

entre o nascimento e a morte. Seja qual for a maneira de medir a vida, ela é preciosa; é o maior e mais valioso dom confiado ao homem.

Interessados que somos pela saúde de nosso povo, não podemos negar a honra do convite a nós estendido pelo Secretário da Câmara de Deputados, Sr. Djalma Bessa, para apresentarmos duas palestras sobre o fumo e a saúde, e, junto com alguns homens a quem o eleitorado brasileiro confiou o mandato de resolver graves problemas de nossa pátria, discutirmos a participação do cigarro na destruição da saúde de nosso povo e na deterioração de nosso potencial de grande nação.

Cada era tem uma tragédia que lhe é peculiar.

A História atribui o declínio e a queda do Império Romano ao insidioso

efeito da malária, que devagar consumiu a pequena elite que de Roma governava o mundo de então.

Durante a Idade Média, a "praga negra" — a peste — disseminou-se pela Europa, dizimando sua população.

Durante o século 19, a "praga branca" — a tuberculose — exterminou os melhores cérebros.

O século 20 é conhecido por uma tragédia tão maligna ou mais maligna do que as do passado. É a arteriosclerose, especialmente a aterosclerose coronariana que hoje, nos países desenvolvidos, é a maior causa de morte, seguida pelo fantasma do câncer. Estes males, em grande parte, guardam estrita dependência com o hábito de fumar.

Junto com a descoberta deste maravilhoso Continente Americano, descobriram os europeus um dos venenos mais perigosos para a saúde: o fumo.

Em 1650, Jean Nicot, misto de intelectual e político, levou de Portugal para a França, seu país de origem, algumas amostras da "erva santa", "erva milagrosa", como era chamado o tabaco. Às vezes os políticos também erram, e *Monsieur Nicot* errou, pois ao presentear Catarina de Médicis com as primeiras amostras da erva sagrada, presenteava o mundo com "a maior de todas as pestes", no dizer de *Vallery*, e que iria subjugar todos os povos.

O fumo entrou na Inglaterra no fim do século 16, e *Sir Walter Raleigh*, entusiasta do tabaco, promoveu o cigarro no seu país.

Na história da humanidade, ou os homens deixam o nome ligado aos grandes feitos, ou então se tornam célebres pelos fatos maléficos.

Nicot fixou-se para sempre, no segundo escalão, somente divinizado pelos exploradores comerciais da erva, que lhe prestam as maiores honrarias no silêncio dos seus templos, cultuando balancetes fabulosos.

O tabaco é a folha seca da *Nicotiana tabacum*. O seu constituinte mais importante, sob o ponto de vista farmacológico, é a nicotina.

No tratado de Goodman e Gilman, *Bases Farmacológicas da Terapêutica*, encontramos: "A nicotina é uma das mais tóxicas de todas as drogas e atua com rapidez comparável à do cianeto".¹ O conteúdo da nicotina nas folhas secas do tabaco, varia entre 1 a 8%. É um alcalóide e foi observado na fumaça do cigarro pela primeira vez por Vanquelin (1809).

O tabaco é a folha seca da Nicotiana tabacum. O seu constituinte mais importante, sob o ponto de vista farmacológico, é a nicotina.

Segundo Krantz e Carr, em *Pharmacologic Principles of Medical Practice*, do ponto de vista farmacológico, a nicotina é um veneno violento.² Atua sobre o sistema nervoso; após um período incipiente de estimulação, este é marcadamente deprimido. A paralisia é descendente. A morte por envenenamento pela nicotina se deve à paralisia respiratória, devido à paralisia dos músculos respiratórios (por bloqueio das junções neuromusculares).

Sobre o sistema circulatório, atua aumentando a frequência cardíaca.

Age sobre o sistema gastro-intestinal, estimulando as glândulas secretoras, produzindo salivação, aumentando a secreção gástrica e produzindo náuseas e vômitos.

Não há indicação terapêutica para o uso da nicotina.

Na Alemanha, a nicotina recebeu a designação de "Genussgift", que quer dizer: "Veneno de satisfação".

Fimregen (1945) declarou: "Nós nos acostumamos a combater com a nicotina, a fome e a sede, a alegria e a dor, o calor e o frio, a irritação e a tranquilidade".

Além da nicotina, há uma enorme série de substâncias químicas já isoladas, tais como: Piridina, Lutidina, Alcatrão, Fenol, Furfuról, Acroleína, Sulfito de Hidrogênio, Ácido Hidrociânico, Amoníaco, Cianoreto de Hidrogênio, Ácido Fórmico, Aldeído, Monóxido de Carbono, Dióxido de Carbono, Arsênico, Benzopireno

Dez por cento do arsênico do tabaco passa para a fumaça. Esta substância é uma das que têm efeito cancerígeno.

Não seria prudente enumerarmos mais nenhuma substância, que isoladas ou semi-isoladas, chegam quase a 7.000, e, sim, afirmar que em nenhuma delas a ciência encontrou algo que pudesse beneficiar o organismo humano. Todas são altamente tóxicas.

Os gases desprendidos da fumaça que prejudicam não só os fumantes, mas também os circunstantes em ambientes fechados — tais como o monóxido de carbono, o ácido cianídrico, etc. — são muito prejudiciais.

O monóxido de carbono tem a capacidade de se fixar à hemoglobina, substância que existe no interior dos glóbulos vermelhos, responsável pelo transporte do oxigênio; e assim, paralisando-a, não permite que cumpra o seu importante papel na oxigenação de todas as células.

Ingentes esforços têm sido realizados por cientistas de todo o mundo, para descobrir fatos relacionados com a terrível e quase sempre mortal doença: o câncer.

Apesar de que ainda não se conhece sua etiologia, conhecemos certos fatores que têm direta relação com a incidência deste mal. O câncer é um conjunto de células vivas que crescem sem ater-se às regras biológicas normais que controlam o desenvolvimento e o crescimento das células. Diríamos que são células que estão à margem da lei, que aumentam em número de forma extraordinária e que não desempenham nenhuma função útil, mas conseguem consumir todas as reservas do organismo em sua louca multiplicação.

Conquanto seja amplamente divulgada a relação entre o fumo e o câncer, procuraremos apresentar-lhes algumas estatísticas e declarações com o propósito de chamar a atenção para as responsabilidades que todos temos de divulgar estes conhecimentos entre nossos irmãos brasileiros.

O Dr. Leroy Burney, quando diretor do Serviço de Saúde Pública do Governo Norte-Americano, afirmou: "O fumo é a principal causa do câncer do pulmão".¹

O Dr. Carlos S. Cameron, diretor da Sociedade Americana de Cancerologia, declarou: "O câncer pulmonar revela um aumento tão rápido como jamais se registrou na história médica de qualquer outra doença não infecciosa".

Revedo as estatísticas, nos impressionamos com o aumento da incidência desta doença, que rapidamente leva ao óbito. Em 1930, em 100.000 homens, 3,8 tiveram câncer do pulmão. Em 1956, em 100.000 homens, 30,1 tiveram câncer do pulmão. Em 1974, nos Estados Unidos, faleceram 75.000 pessoas de câncer do pulmão: 60.000 homens e 15.000 mulheres.

Diariamente, cerca de 200 pacientes morrem de câncer do pulmão nos Estados Unidos. O número de outras formas de câncer tem permanecido mais ou menos constante, no decorrer dos anos em que o câncer do pulmão tem aumentado tão acentuadamente. O câncer do pulmão é hoje 14 vezes mais freqüente que há 40 anos.

Nosso colega, Dr. Jessé Teixeira, conceituado cirurgião torácico, verificou que os coeficientes de mortalidade na cidade do Rio de Janeiro revelaram, no período de 20 anos, compreendido entre 1940 e 1960, um aumento de cin-

Do ponto de vista farmacológico, a nicotina é um veneno violento. Atua sobre o sistema nervoso; após um período incipiente de estimulação; este é marcadamente deprimido.

co vezes na prevalência do câncer respiratório (de 2,0 para 10,2 óbitos por 100.000 habitantes). Em comparação com o crescimento do câncer em geral, no mesmo período, o aumento do câncer do pulmão mostrou-se muito mais acelerado.⁴

Por que este aumento da incidência do câncer pulmonar? Tem alguma relação com o hábito de fumar?

Ricardo Doll e Bradford Hill, entre 649 casos de câncer do pulmão, encontraram que somente dois casos, ou seja 0,3%, ocorreram em pessoas não fumantes, declarando estes autores: "Fumar é um fator importante na produção do carcinoma pulmonar".^{5 6}

Caso não houvesse uma relação fumo-câncer, essa divisão entre fumantes e não-fumantes teria que ser mais homogênea. Isto é estatisticamente muito importante, visto que 55% dos civis, de 18 anos de idade ou mais, fumam cigarros regularmente nos Estados Unidos.

O Dr. Graham, o médico que em 1933, pela primeira vez no mundo, operou um câncer do pulmão, publicou na Revista da Associação Médica Americana em 1950, 684 casos de câncer pulmonar. Provou-se que entre 605 homens com câncer pulmonar, 96,5% haviam sido fumantes moderados ou inveterados por muitos anos. Esta espécie ocorria muito raramente: 2% nos que não fumavam.⁷

O conhecido Dr. Alton Ochsner, membro do Departamento de Cirurgia da Escola de Medicina da Universidade de Tulane e fundador da conhecida Clínica Ochsner, em Nova Orleães, já em 1935, impressionado com o grande número de seus pacientes que eram fumantes inveterados e que apresentavam câncer do pulmão, mencionou suas observações a colegas, mas muitos deles ridicularizaram sua crescente convicção de que o fumo era causa agravante do câncer pulmonar.

Ochsner ousou escrever suas convicções médicas.⁸ Em 1954 publicou seu livro: *O Fumo e o Câncer*,⁹ e já então muitas outras fontes confirmaram suas conclusões.

A Associação Médica Canadense declarou oficialmente em 1961: "O peso da evidência atual implica que fumar é o principal fator na crescente ocorrência do câncer do pulmão".

A Sociedade Norte-Americana de Cancerologia declarou: "A junta acredita agora que tem uma responsabilidade para com a profissão médica e

para com o público em geral, de declarar que no seu juízo a evidência clínica, epidemiológica, experimental, química e patológica apresentada pelos muitos estudos feitos nos anos recentes, indica sem dúvida que o fumar é a maior causa do aumento sem precedentes do carcinoma pulmonar".

A Associação Médica Norte-Americana, desde então, não permitiu mais anúncios de propaganda de cigarros nos seus jornais e revistas.

Em nosso país, temos a declaração conjunta de destacados médicos, tais como Dr. Antônio Pedro Mirra, Prof. Bindo Guida Filho, Dr. Antônio Costa Filho, professores de conceituadas faculdades de Medicina, os quais declaram com referência ao tema "Estatística na Relação Fumo-Câncer":

1. O fumo predispõe ao carcinoma pulmonar;

2. E a graves moléstias cardiovasculares.

3. Quanto menor o toco do cigarro, maior o perigo.

4. Melhor é nunca ter fumado, e agregam: "Depois de tudo o que se verificou, seria essencial iniciar-se imediatamente uma campanha de esclarecimentos, adotando-se soluções práticas. É indispensável que a classe médica tome uma posição definida a respeito do problema, não só na relação entre o fumo e o câncer, como também nas relações entre o fumo e as afecções cardiovasculares e respiratórias".

A conceituada revista *Thoracic and Cardiovascular Surgery* — bíblia dos cirurgiões torácicos e cardíacos — editou a afirmativa da Sociedade Americana de Cancerologia: "Fumar é a maior causa na produção do câncer do pulmão".

Em 1960 foram apresentados mais de 26 estudos detalhados, conduzidos em 8 países. Todos mostravam uma forte associação entre o hábito de fumar e o câncer do pulmão.

Hammond E. Cuyler e Daniel Horn, da Sociedade Americana de Cancerologia,¹⁰ estudando a relação da mortalidade entre fumantes e não-fumantes e o número de cigarros fumados, chegaram à seguinte relação estatística: Até 1/2 maço de cigarros ao dia: mais 34% de óbitos em fumantes. De 1/2 maço a 1 maço de cigarros ao dia: mais 70% de óbitos em fumantes. De 1 a 2 maços de cigarros ao dia: mais 96% de óbitos em fumantes. Acima de 2 maços de cigarros ao dia: mais 123%

O risco de câncer aumenta na razão direta do consumo, da duração do hábito de fumar, do número de cigarros por dia, e diminui com o abandono definitivo. Mais de 100.000 médicos deixaram de fumar nos Estados Unidos, após a propagação dessas conclusões.

de óbitos em fumantes. Do total de óbitos, 46% morreram de causas cardiovasculares, que foi o dobro nos fumantes.

A incidência de câncer do pulmão nesse grupo guardava a seguinte relação: 1.000% mais em fumantes regulares do que em não-fumantes; 6.400% mais em fumantes de mais de dois maços de cigarros ao dia, que em não-fumantes.

O Dr. José Ross, chefe do Departamento de Medicina da Carolina do Sul, Estados Unidos, no II Encontro Internacional de Doenças do Tórax em nosso país, declarou: "O cigarro é a causa mais importante de câncer do pulmão, de bronquite crônica, de enfisema pulmonar, e tem grande influência no aparecimento das doenças coronarianas". Afirmou que 500.000 pessoas morrem por ano nos Estados Unidos em razão de doenças cardiovasculares, mas este número poderia sofrer um decréscimo de 150.000 se não fosse o problema do fumo.

Já imaginastes que tragédia: 150.000 lares enlutados e filhos órfãos para enfrentarem sozinhos o drama da vida? Quantas lágrimas poderiam ser poupadas se tão-somente fosse abolido o hábito de fumar!

Declarou ainda o Dr. Ross: 75.000 pessoas morrem anualmente de câncer do pulmão, ou seja, um número muito maior do que os norte-americanos mortos nos dez anos da guerra do Vietnã e dos que foram vítimas de acidentes de trânsito este ano.

A cidadela da fumaça tem sido sacudida por golpes violentos.

Em 1962, The Royal College of Physicians of London¹¹ publicou o famoso relatório que transitou da área médica para a oficial do Governo Britânico, e concluía corajosamente:

"O cigarro produz câncer do pulmão, bronquite e, provavelmente, contribui para as doenças coronárias e várias outras doenças menos comuns; dificulta a cicatrização da úlcera gástrica e duodenal".

Após esta declaração, o Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos recomendou que dez renomados especialistas fizessem minucioso estudo sobre o grave problema: O Fumo e a Saúde¹². Estas sumidades (5 fumantes e 5 não-fumantes), nos campos da Medicina, Biologia, Química e Estatística, em 387 páginas, 962 citações bibliográficas, apoiadas por 189 instituições, universidades nacionais e estrangeiras, realizaram o levantamento das implicações do fumo na saúde pública, colocando-o no

banco dos réus. Entregaram o relatório no dia 11 de janeiro de 1964.

No dia seguinte, uma contundente manchete do *Herald Tribune* de Nova Iorque proclamava: "É oficial — cigarros podem matar você!"

O relatório Terry, como ficou conhecido, afirmou incisiva e categoricamente: "O fumo causa câncer do pulmão nos homens. ... A magnitude do efeito do fumo sobrepuja em muito todos os outros fatores, inclusive a poluição atmosférica. O risco de câncer aumenta na razão direta do consumo, da duração do hábito de fumar, do número de cigarros por dia, e diminui com o abandono definitivo". Mais de 100.000 médicos deixaram de fumar nos Estados Unidos, após a propagação dessas conclusões.

Quando fazíamos nossa especialização na América, lemos nos jornais cartas, patéticas de pais norte-americanos escrevendo ao Governo, solicitando proteção a seus filhos contra a guerra do Vietnã. Belo gesto, pois as guerras não beneficiam os povos. Mas, por que não apelar para o Governo com cartas patéticas, com gritos de angústia contra este tóxico que dizima as nações?

Resultados semelhantes foram encontrados em outros países. Em 1973, o Prof. Daniel Schwartz alertou que 24.000 pessoas morriam de câncer anualmente na França. 18.000 em consequência do tabaco.

O tabaco também provoca bronquite crônica, enfisema, câncer da faringe, da laringe, da cavidade bucal e do esôfago, além de doenças cardiovasculares, e é responsável por partos prematuros e atraso de crescimento em filhos de mulheres fumantes.

A fumaça do cigarro contém substâncias cancerígenas bem conhecidas.¹³⁻¹⁷

No tabaco, tem-se demonstrado uma potente substância cancerígena: N' Nitrosonor Nicotine.¹⁸

Numa pesquisa efetuada na Universidade de Sidney, na Austrália, os doutores R. Tayler e D.W. Piper, trabalhando experimentalmente com cultura de células e material condensado da fumaça de cigarros, encontraram efeito cancerígeno nesse preparado.¹⁹

Entretanto, não é só o câncer o problema gerado pelo fumo. Não podemos deixar de ralatar-lhes, em breves palavras, o maravilhoso sistema de proteção do pulmão e de avaliar como o fumo quebra essa harmonia fisiológica.

A nossa árvore brônquica é rica em

Os gases desprendidos da fumaça que prejudicam não só os fumantes, mas também os ambientes fechados — tais como o monóxido de carbono, o ácido cianídrico, etc. — são muito prejudiciais.

células glandulares que produzem, por dia, aproximadamente 100 cm³ de uma secreção mucosa, encarregada de englobar as partículas de impurezas inaladas com o ar e que conseguem passar pela barreira das fossas nasais. Esta secreção, levando consigo as impurezas, é continuamente propelida dos brônquios para a traquéia, e desta para a faringe, onde é deglutida sem que nos demos conta disso.

Quem assegura o movimento da secreção é um delicado tapete ciliar que forra os brônquios. Os cílios que compõem esse tapete, são estruturas minúsculas, só visíveis ao microscópio, dotadas de extraordinária energia e que se movimentam continuamente, como se fossem as ondulações de um trigal batido pelo vento. A capacidade de transporte do tapete ciliar é grande. O muco é transportado do brônquio menor para o maior, a uma velocidade de 25 milímetros por minuto.

A fumaça inalada pelo fumante paralisa os movimentos dos cílios e estimula, por irritação, a produção de secreção mucosa, que, acumulada, estimula o reflexo da tosse, mecanismo de reserva para a limpeza dos brônquios, mas que precisa ser convocado para que o fumante não se afogue em catarro. Esta secreção estagnada, os brônquios irritados, a presença na fumaça do cigarro da acroleína, substância que diminui as defesas antibacterianas intrapulmonares, conduzirão inexoravelmente a alterações morfológicas, fisiológicas e funcionais do pulmão.

Dados epidemiológicos mostram uma forte associação entre o fumar cigarros e a frequência e severidade das infecções do sistema respiratório.

Essa tosse crônica, complicada com a infecção, conduz à destruição dos delicados alvéolos pulmonares que, em número aproximado de 300 milhões nos dois pulmões,²⁰ servem para a hematose (mecanismo da troca de gases: onde a hemoglobina descarrega o anidrido carbônico, que é eliminado e toma o oxigênio, conduzindo-o às células).

Essa destruição dos alvéolos poderá causar enfisema pulmonar, doença que devido a sua lenta evolução torna-se mais dramática, pela falta de ar e angústia respiratória, do que o próprio câncer, cuja evolução fatal normalmente é rápida.

(Continua)

* Conferência pronunciada perante os membros da Comissão de Saúde da Câmara de Deputados Federais do Brasil.

Música Durante a Oração?

Um ministro jubilado escreveu-nos a respeito de uma prática "perturbadora" que ele declara estar "penetrando nos cultos de nossa igreja". O referido procedimento é "oração e leitura bíblica, acompanhadas de música ao órgão ou piano". E pergunta: "Não estamos captando as notas do melodramático, característico das novelas radiofônicas e do ritual católico-romano, que induz as pessoas ao sono com seu apelo aos sentidos? Tal espécie de música impede que nossas congregações cultivem a arte do santo silêncio, da meditação, do exame de consciência, que são tão essenciais para o crescimento espiritual".

Vivemos numa era musical. Há grande procura de aparelhos de alta fidelidade e de combinações de radiofónografo. Compram-se discos aos milhões. O número de pessoas presentes aos concertos é elevado. A música é popular até mesmo em fábricas, consultórios de dentistas e supermercados, onde é provida para aumentar a produção, para elevar o estado de ânimo ou simplesmente para confortar o espírito. Alguns adolescentes fazem questão de afirmar que o rádio tem de estar clangingando sucessos atuais a fim de que consigam estudar bem!

Em vista de tudo isso, provavelmente não é surpreendente que certos clérigos gostem de música suave aos sábados, durante a oração ou enquanto é lido um trecho das Escrituras. Eles acham que isso proporciona uma atmosfera de reverência a essas partes do culto de adoração.

Inspirados por Motivos Dignos

Seríamos os últimos a sugerir que os que seguem esse procedimento foram inspirados por outra coisa senão os mais plausíveis motivos ao iniciar esse costume. Eles acham, sem dúvida, que sendo a música uma parte tão importante do culto, sob a forma de hinos, antifonas pelo coral, ofertórios, prelúdios, poslúdios, etc., deveria ser introduzida em todas as partes do culto.

Kenneth H. Wood

Sua filosofia é que "se um pouco é bom, muito é melhor".

No entanto — e dizemos isto a despeito de amarmos a música — parece que quando uma congregação ou um indivíduo estão falando com Deus, não deveria haver influências que causem distração. Toda faculdade mental deveria estar voltada para a oração. Todo o ser deveria concentrar-se na comunhão com o Eterno.

Isso é quase impossível quando alguma música, não importa quão suave, está sendo tocada em segundo plano.

Uma Experiência Sagrada

Ao sugerir que não haja música durante a oração, cremos estar reconhecendo que a oração é de fato a prática sagrada que lhe é atribuída. Que coisa solene o homem mortal dirigir-se ao Deus imortal! A criatura comungar com o Criador! O que busca força e sabedoria conversar com a Fonte de toda força e sabedoria!

Durante essa santa conversação, pode haver melhor fundo do que absoluto silêncio?

Alguns expoentes do pensamento religioso contemporâneo consideram a oração meramente como uma experiência estética. Embora creiam que pensar que o homem possa falar com o Infinito tenha um efeito salutar sobre a alma e o corpo, rejeitam a idéia de que um Deus pessoal ouça as orações e envie

as respostas conforme houver por bem na Sua sabedoria. Para eles o benefício da oração consiste apenas no efeito psicológico que ela pode exercer sobre o indivíduo que faz sua petição a alguma espécie de "imagem de um Pai".

Se é esse o conceito que se tem da oração, por certo a música suave será de considerável valor. Mas para nós que cremos que "a oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo" (*Caminho a Cristo*, p. 92), é a música durante a oração realmente necessária? Não é mais provável que seja "perturbadora", segundo declarou o nosso correspondente? — *Review and Herald*, 26-02-1959.

Orações Musicais

Quando nossas congregações se reúnem para o culto, vários aspectos são de molde a conduzir as pessoas à percepção da presença de Deus. Isso é essencial, porque precisam ser preparadas para comungar com o seu Criador. O corpo encontra-se na igreja, mas a mente pode estar em qualquer outra parte.

Um pouco de reflexão nos convencerá de que o ponto mais elevado do culto de adoração é a oração pastoral, pois então falamos com Deus, e quem se dirige ao Senhor deve expressar em palavras as numerosas necessidades dos adoradores.

Para compreender melhor o assunto, acompanhemos um camponês ao palácio de um rei. Foi-lhe atribuída a responsabilidade de fazer uma petição em nome de uma aldeia muito necessitada. Antes de chegar ao soberano ele teve de observar diversas formalidades. Houve um longo trajeto até o palácio, mas ele chegou na hora marcada. Depois de passar as sentinelas, é afinal conduzido à sala do trono. Uma sensação de temor invade-lhe a alma. Todo momento é precioso, e o coração desse homem palpita com o senso da importância dessa ocasião.

Tendo ponderado cuidadosamente

Roy Allan Anderson

sobre o que deve dizer, está prestes a começar, mas eis que justo nesse momento decisivo um conjunto musical se põe a tocar! É-lhe difícil concentrar os pensamentos. Sua mente parece distrair-se com a intromissão da música. Ele faz, porém, um grande esforço para levar o seu pedido até o fim. E então, para surpresa sua, a música também é detida. Ela não deveria ser, portanto, uma interrupção, mas apenas um acompanhamento! Ele diz, porém, para si mesmo: "Como eu teria ficado bem mais desembaraçado se houvesse uma atmosfera de meditação silenciosa!"

Esta parábola pode servir para focalizar nossa atenção numa tendência que parece estar crescendo em popularidade nalgumas regiões. É necessário que nossas orações sejam acompanhadas pela música? Admitimos que é música suave e meditativa, mas será que isso mesmo não causa alguma distração?

Em vez de acrescentar esse aspecto musical à oração, não seria melhor estimular a congregação a passar alguns momentos de reverente meditação silenciosa um pouco antes de ser feita a oração? Caso se julgue prudente fazê-lo, esse período silencioso poderia ter um suave fundo de música tocada ao órgão. Essa música deve terminar, porém, antes do início da oração audível de modo que não haja distração alguma enquanto a pessoa que ora está apresentando a Deus as petições da congregação. Uma prática dessa espécie trará uma abençoada atmosfera à reunião e ajudará todos os corações a sentir que aí está um culto que realmente é a porta do Céu. — *The Ministry*, maio de 1952.

Doze Chaves Para Boa Disciplina no Lar

Você Mesmo Deve Fazê-lo

A disciplina não deve ser transferida do pai para a mãe, ou vice-versa. Quando a mãe diz para a criança: "Espere até que seu pai venha; ele vai dar-lhe uma lição!", é o mesmo que dissesse: "Não sou capaz de discipliná-lo. Isto está fora de minha alçada". Semelhante

José A. Kline

O Lar do Pastor

atitude suscita falta de respeito pela mãe, transforma o pai num valentão e promove uma desagradável situação familiar.

Uma Pessoa de Cada Vez

A criança não deve sentir que todos estão "caindo sobre ela". Quem come-

gar o processo corretivo deve completá-lo sem qualquer interferência. O pai ou a mãe que interferem possibilitam que a criança lance um contra o outro para sua própria vantagem.

Seja Persistente e Coerente

Estabeleça normas de conduta simples e realistas e apegue-se a elas. Os filhos sentem-se mais seguros se souberem que há um limite para a conduta inconveniente. Quando uma criança começa a ficar amuada ou a chorar para conseguir o que deseja, há a tentação de satisfazer-lhe a vontade para livrar-se dela. Se isto ocorrer, ela aprende que seus pais podem ser domitados com facilidade, e se prevalece desse fato.

Seja Firme e Decisivo

As crianças preferem professores que sejam justos e firmes, e sentem a força de pais firmes. Firmeza não abrange o ato de bater, pois palmadas constantes se tornam inúteis. . . . Use outros meios para as faltas mais comuns. A delicadeza é mais eficaz.

A Punição Deve Ajustar-se à Falta Cometida

Por punição entendemos a imposição de uma pena. Poderá ser suave ou severa, conforme a falta cometida. Um castigo adequado pode consistir em privar a criança de alguma atividade favorita. Puna uma criança que continua violando a hora de recolher-se, tirando-lhe esses privilégios — não a televisão ou mesada semanal. Mantenha o período de punição em bases razoáveis, a fim de reforçá-lo.

Amor em Abundância

As crianças notam com facilidade quais são os sentimentos de seus pais. Elas necessitam de muito amor e afeição, e o desejo de agradar é um dos mais poderosos instrumentos de disciplina. Manifeste desagrado para com a má conduta, mas evite dizer: "Deixarei de amá-lo se . . ." A criança precisa aprender que não pode ter tudo o que deseja.

Seja Veraz e Cumpra o que Promete

As crianças que não são verazes talvez estejam imitando a seus pais. Elas percebem quão corretos somos no trato com elas e com os outros. Quando fizer uma promessa, cumpra-a. Abstenha-se de retratações dizendo: "Veremos", quando não quiser comprometer-se. Se tem o hábito de subornar, suscita problemas disciplinares.

A criança não deve sentir que todos estão "caindo sobre ela". Quem começar o processo corretivo deve completá-lo sem qualquer interferência.

Procure Controlar a Voz

Não grite. Quão difícil é isso, especialmente ao lidar com adolescentes! Se a pessoa ergue a voz e a criança começa a retrucar no mesmo tom, produzir-se-á uma competição de gritos. Dizer algo em voz bem alta não faz com que se torne mais convincente. Mantenha-se calmo; isso é bom para os nervos. Como vai o seu senso de humor?

Não Exagere Pequenos Incidentes

As crianças realizam certas coisas que fazem parte de seu programa de crescimento e da etapa pela qual estão passando. Uma criança não pode ser boa em todo o tempo. Pequenas faltas não devem assumir as proporções de um caso federal. Depois que um incidente passou, deve ser esquecido, deixando-se de evocá-lo desnecessariamente. Se você ralhar, a criança não lhe dará atenção. Abrande-se; tenha apreço por ela.

Beije e Faça as Pazes

— mas não no estilo de Hollywood. Se o castigo foi justo, não há necessidade de uma cena dramática. Depois de uma punição severa que a criança sabe que merecia receber, evite-se uma cena demasiado emocional. Talvez ela satisfaça uma necessidade da parte dos pais, mas as crianças às vezes se comportam mal a fim de conseguir esse tipo de atenção dos adultos.

Accentue o que é Positivo

Dê à criança uma boa reputação e ela viverá à altura desse conceito a seu respeito. Descubra os bons traços das crianças e desenvolva-os. Uma palavra de louvor e incentivo poderá ser o ponto de partida de uma transformação para melhor. Nunca declare: "Não posso com ele!" Sob essa condição, você não pode mesmo. Procure salientar o que é positivo e diminuir todos os aspectos negativos da conduta, não comentando sobre eles. Isto surte efeito!

Faça com que a Criança se Sinta Confiante

Trate a família como uma unidade. As crianças devem sentir que também fazem parte da família. Elas reagem favoravelmente se partilham da confiança, dos problemas e da segurança dos pais. Isto não significa que se deva debater com elas o que se acha fora do alcance de sua compreensão. Sejam consideradas apenas as coisas que lhes dizem respeito, mas importa fazer com que sempre se sintam seguras de ser membros de confiança da família. — *The Instructor*, novembro de 1959.